



## UMA OFERENDA: BORDADOS BRASILEIROS PARA FRIDA KAHLO

Edla Eggert

**Resumo** – O artigo narra a história de uma bordadeira que encontra Frida Kahlo bordada numa bolsa e relida num livro de teologia latino-americana. A condução da narrativa é da pesquisadora que apresenta o processo de encontros: a bordadeira que relê alguns quadros da pintora por meio de técnicas do bordado e, simultaneamente, é analisada a experiência das releituras que acontecem nesses encontros. A bordadeira, a pintora, e a pesquisadora.

**Palavras-chave:** Bordados. Frida Kahlo. Releituras. Cumplicidades. Feminismo.

### INTRODUÇÃO

Neste "ensaio-bordado" apresentaremos uma releitura, como se fosse uma oferenda<sup>1</sup>, de Frida Kahlo, com base em três pinturas que foram bordadas por uma artesã bordadeira do município de Alvorada, região metropolitana de Porto Alegre. Misturam-se a autobiografia da pintora mexicana com a da artesã que bordou vários dos quadros, bem como da pesquisadora e apresentadora deste trabalho, que organizou um livro em que teólogas e teólogos latino-americanos também escrevem para Frida Kahlo (EGGERT, 2008). O trabalho pretende apresentar os bordados-quadros de *Uns quantos golpezinhos*, *Coluna rota* e *As duas Fridas*. Ao mesmo tempo que um conteúdo narrativo entra em cena, aparecerá também o trabalho técnico da bordadeira que, ao bordar esses quadros, faz outra releitura em texto e bordado.

Os caminhos da bordadeira e da pesquisadora se cruzaram por meio de outra pesquisa que esta iniciou num ateliê de tecelagem, no município de Alvorada, no ano de 2007<sup>2</sup>. Esta

---

<sup>1</sup> Doutora em Teologia pela Escola Superior de Teologia (EST). Professora adjunto da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). E-mail: edla.eggert@gmail.com

1 - A ideia da oferenda intercrossou minha imaginação ao passar pela experiência de andar por vários lugares tanto em Oaxaca quanto na Cidade do México, DF, nos dias que antecederam a festa dos mortos, e ver muitas oferendas aos mortos queridos daquele país. Consegui repensar esse texto apresentado na Conferência nesse "espírito" de uma oferenda que tanto a bordadeira quanto eu desejamos ofertar para Frida Kahlo.

2 - A partir de 2007 iniciei uma pesquisa que me introduziu ao mundo da produção de tecelagem e da formação da mão de obra nesse artesanato. Entre os anos 2008 e 2011, coordenei duas pesquisas financiadas pelo CNPq intituladas: *O processo (auto)formador de trabalhadoras no artesanato gaúcho* e *A narrativa de processos (auto)formadores de tecelãs – construindo novos debates para a EJA*. As referidas pesquisas estruturaram narrativas de processos (auto)formadores de tecelãs que visibi-

investigação tem por objetivo visibilizar e analisar os processos educativos envolvidos na produção do artesanato feito por mulheres no estado do Rio Grande do Sul. Nesse envolvimento de pesquisa empírica conheci a bordadeira Ivone Junqueira. Eu poderia dizer que são intercessões, como afirma Eggert (2003, p. 126), influenciada por leituras de Guattari e Rolnik (1996). A intercessão é a entrada do outro ou da outra em minha vida, ou ainda de qualquer coisa que interceda no ato da criação.

Em uma determinada visita realizada quase no final do ano de 2008, Ivone Junqueira estava nesse ateliê e, ao ver a bolsa da pesquisadora que estampava um dos autorretratos de Frida Kahlo, fez um comentário sobre a beleza dos bordados nela aplicados. De pronto, entabulou-se uma conversa sobre a artista de que ambas gostavam, mas para Ivone era mais desconhecida. A pesquisadora havia comprado essa bolsa em um congresso em Natal, Rio Grande do Norte. Na ocasião, falou-se do lançamento recente de um livro com uma proposta de releitura a partir de teólogas e teólogos latino-americanos (EGGERT, 2008). A bordadeira se interessou pela bolsa e perguntou se poderia tomá-la emprestada em outra oportunidade para que pudesse estudar as técnicas aplicadas, que eram sobreposições de tecidos com bordados. Na visita seguinte, além da bolsa emprestada, o livro das teólogas e teólogos (EGGERT, 2008) foi oferecido como presente. Ivone, que vinha de uma longa trajetória de pintura em tecido, passava agora para outra fase: ia bordar. Assim, a bolsa com o autorretrato de Frida foi um incentivo para que ampliasse ainda mais seu desejo de ser bordadeira. Ao ficar com a bolsa, pôde ver de perto quais técnicas eram empregadas naquela produção artesanal.

Assim a bordadeira Ivone tomou para si a ideia das inúmeras possibilidades de se fazer (re)leituras de Frida Kahlo. Estudou as técnicas aplicadas na bolsa, leu o livro e também viu o filme sobre a história da pintora.

O entrecruzamento das histórias foi imediato. Ivone, em 2008, estava com 66 anos; era viúva e avó. Ela, como muitas mulheres, viveu o confronto de um casamento que a manteve como mulher de um homem, mãe e cuidadora sem nome próprio. Não foi preciso fazer muitas perguntas: na pauta, não estava a história de Ivone, mas sim a história de Frida relida na história de Ivone. Desde o primeiro encontro, pesquisadora e bordadeira frequentaram dizeres que se produziram por meio do bordado e não por meio das palavras ditas, como se faz quando se entrevista uma participante de uma pesquisa com perguntas de roteiro.

Ivone desenvolveu diferentes técnicas artesanais têxteis e fez uma releitura bordada da obra de Frida Kahlo. São releituras por meio de agulhas, panos e fios, analisadas por mim, como pesquisadora, com o objetivo de buscar a visibilidade dos processos de criação no artesanato feito por mulheres. A internet foi um dos meios de acesso às obras de Frida Kahlo, bem como livros de arte.

---

lizam saberes da tecelagem. A partir de 2012, uma segunda etapa deu sequência a essa temática, também com financiamento do CNPq por meio da Bolsa Produtividade e por meio de dois editais: Universal e Ciências Humanas.

No segundo semestre de 2009, a filha da bordadeira inscreveu uma das peças bordadas, intitulada *A santa ceia de Frida Kahlo*<sup>3</sup>, num concurso de uma fundação pertencente a um banco. Essa peça foi premiada, e, com isso, seu trabalho de bordadeira veio a público. Nas minhas observações, em que registrei as peças que eram bordadas, notei que, quando essa peça foi finalizada, entregue e premiada, a bordadeira teve uma espécie de estresse de finalização de produção. Relacionei esse mal-estar com o que me parece que acontece também com qualquer trabalho encomendado no campo intelectual como um artigo científico ou uma palestra. Ela teve uma crise de dores no corpo e ficou por vários meses sem poder bordar. O bordado, assim como todos os trabalhos manuais, quando repetido em demasia, ocasiona lesões por esforço repetitivo (LER). Nesse caso, a bordadeira manifestava, em tom de brincadeira, que havia "encarnado" a personagem Frida Kahlo: "Estava entevada". Essas *(Re)leituras de Frida Kahlo* (EGGERT, 2008) somaram-se à proposta de outras leituras que foram feitas da pintora. E, nesse texto, fazemos mais cruzamentos e interfaces produzidos por esses encontros.

A história de Frida Kahlo se mescla com a história de muitas mulheres. Observamos isso quando tomamos conhecimento da sua obra e da sua trajetória: intensa, às vezes triste, politicamente posicionada, conflituosa, dolorosa, autêntica, irônica. Somos todas um pouco Frida. A artista, como considera José Antônio Orlando (2011), tornou-se um mito moderno.

Por meio desse encontro de vida e obra com uma artista latino-americana, somos instigadas, pelo feminismo, a fazer releituras que aplaquem novas questões. Observamos, por exemplo, a forma brincalhona com que Frida toma a sua sexualidade entre o caminho do masculino e do feminino marcada pela tradição patriarcal. Ela nos enche de coragem para tentar quebrar velhos paradigmas. A mistura que faz dos costumes e da estética mexicana com as marcas da herança europeia nos incita a exclamar: como não pensamos nisso antes?

Inspiradas por uma metodologia que vem da luta do movimento feminista, buscamos tornar visíveis os caminhos da bordadeira que novamente nos remetem às histórias de mulheres invisíveis e ao mesmo tempo nos trazem de volta a Frida Kahlo. As histórias das mulheres hoje já são muitas e, mesmo assim, ainda poucas. Entendemos que compõem um longo caminho de resistência e enfrentamentos contra a ideia da história única, da metanarrativa, de tudo que aprendemos que seria universal e por meio do olhar androcêntrico. A normalidade da "contação" das histórias por meio da narrativa do masculino neutro produziu nas mulheres e nos homens que não compõem o perfil dos homens brancos e heterossexuais a invisibilidade, que agora tem buscado contar as suas histórias. Nesse espírito, contaremos histórias que se cruzam para então fazermos um exercício do "bordado pensado" nos quadros *Uns quantos golpezinhos*, *Coluna rota* e *As duas Fridas*.

---

3 - Segundo pesquisa realizada, a autoria da gravura da Santa Ceia não foi atribuída a Frida Kahlo.

## UNS QUANTOS GOLPEZINHOS



**Figura 1** *Uns quantos golpinhos*. Foto de Isadora Aquino

Fonte: Junqueira e Eggert (2013).

Eli Bartra (2003, p. 81) observou que o quadro *Uns cuantos piquetitos!* é uma consequência da realidade das mulheres. É um quadro pintado na forma dos ex-votos, uma arte popular local de tradição católica, segundo a autora. Essa tradição dos ex-votos também foi produzida no Brasil<sup>4</sup>.

Um dos primeiros quadros bordados foi essa obra que contém uma narrativa sobre a violência contra as mulheres. O quadro é direto, apresenta a crueldade da indiferença, da naturalização e da banalização da violência de gênero. Em especial, nesse quadro, temos a sensação de sermos essa mulher ensanguentada, picotada. No entanto, também somos o homem com as mãos nos bolsos: indiferentes, com nosso modo de querer mantermo-nos impassíveis com a tradição de violência banalizada em nós mesmas.

A pesquisadora, em todo esse tempo que acompanha a bordadeira, nunca perguntou o que ela pensara ao bordar aquele corpo de mulher deitado e ensanguentado na cama. À medida que se aproximou da bordadeira e ouviu suas histórias de vida, pôde observar que esse quadro revela uma realidade muito mais evidente e democrática em todas as camadas sociais, e que as mulheres que conseguem romper com os ciclos de violência dentro de um relacionamento às vezes acabam reiniciando outro logo mais adiante. É o que Ivone Gebara (2000) reafirma em suas observações antropológicas junto aos grupos de mulheres em Camaraci, município da

---

4 - No Brasil, segundo Lucia Gaspar (2013), Márcia de Moura Castro (1979) e Maria Augusta Machado Silva (1981), os ex-votos possuem maior representação no estado de Minas Gerais, considerado o estado com maior tradição católica.

região metropolitana de Recife. Não foi o caso da bordadeira, que seguiu seu curso de forma autônoma depois que resolveu e conseguiu dissolver seu casamento. A autonomia falou mais alto, e, por meio de aulas de pintura e outros recursos de artesanato, a bordadeira foi levando a vida junto com filhas e filhos, amigas e vizinhas. Até que chegou à técnica do bordado, momento em que conseguiu fazer uma passagem entre as cores e texturas de tintas e pincéis para agulhas, fios e tecidos. Observamos que ela se permite, hoje, do alto dos seus 70 anos, sonhar, e não somente isso, mas realizar alguns dos seus desejos. Viajar, por exemplo, tem sido um elemento produtor de novos olhares e possibilidades de criação.

As possíveis vinculações e intercessões já produzidas ao longo da convivência pesquisadora-bordadeira nos espaços em que convivem permitem pensar que não é necessário realizar uma entrevista em profundidade com a bordadeira, nem fazer uma análise de discurso sobre o que ela diz. Mas há outros desejos, como o de sentar ao seu lado, ouvir mais histórias e aprender as suas técnicas de costurar e bordar. Por enquanto, temos feito outras aproximações por meio das instalações artísticas realizadas com as obras bordadas inspiradas nos quadros de Frida<sup>5</sup>.

Compreendemos que esse tem sido um modo singular de pensar os movimentos de pesquisadora aprendente que, aos poucos, permite intercalar outros olhares no percurso investigador. Ou seja, deixar que encontros como esses abram espaços para a imaginação. Enquanto Ivone borda, ela pensa... "Fazer é pensar", afirma Richard Sennett (2009, p. 360). Enquanto levamos os quadros bordados de Ivone para mais uma instalação/exposição, pensamos: "não queremos 'expor' Ivone como mais um achado de pesquisa, ela é uma artista!". Uma artista popular? Uma artista? Releitora de outra artista? Uma mulher que se apresenta autora! Assim como Marcia Tiburi (2008) afirma no epílogo do livro das releituras que não devemos escrever e nem bordar *sobre* Frida, e sim *para* ela.

## **COLUNA ROTA – AS DORES CONSTANTES**

Quando Ivone bordou, num período de seis meses, em torno de oito peças com base na obra de Frida, seus dedos e pulsos – todo o corpo – começaram a inchar e não paravam de doer. Teve de parar, tomar remédio, como fazem todas as pessoas que trabalham muito e não podem, ou não querem, parar.

---

5 - Desse modo arriscamos fazer, com a ajuda das alunas de mestrado, doutorado e iniciação científica, as "Instalações" da releitura das obras de Frida, bordadas por Ivone. Foi preciso planejar e compor outros cenários. No Brasil, a área das Ciências Humanas e Educação, em especial, usufrui, a nosso ver, muito pouco das experiências estéticas das artes. O plano bi e tridimensional é pouco explorado. Ao longo dos anos 2012 e 2013, realizamos quatro exposições/instalações em congressos acadêmicos nas áreas de Linguística: International Gender and Language Association (I gala) (Unisinos, 2012); Mostra de Iniciação Científica da Unisinos (Unisinos, 2013); Fazendo Gênero 10 (Ufsc, 2013); e Escola Superior de Teologia nos 20 dias de luta contra violência de gênero (EST, 2013).

Sabemos que Frida também tinha muitas dores. As cumplicidades para com ela por causa das dores se fazem presentes nas pessoas que admiram sua obra. Mas não é somente a dor do corpo, é a indignação, a não conformidade com o que os contextos apresentavam.

Frida chora. Chora copiosamente. É com lágrimas que ela a si mesma se vê. Sua beleza só lhe é aparente quando em prantos se confronta com o execrável, com o horror e a dor no cerne de sua própria existência. O autoconhecimento que Frida Kahlo revelava nas suas pinturas, na sua culinária, na sua escritura, nestes viravam dotes, dádivas vertidas por prantos (WESTHELLE, 2008, p. 163).

Vitor Westhelle (2008) oferece à Frida um ramalhete de oferendas que remetem aos sentidos do tato, do gosto e das sensações que sua pintura desencadeia. Westhelle se encabula. Eu diria até que se intimida diante de tanta coragem e ousadia de Frida de pintar a sua dor.

Mulheres sentem dor. Muita dor. Sentem vergonha quando, depois dos partos normais, adquirem a "disfunção do assoalho pélvico", que diminui sensivelmente a capacidade de retenção da urina (SILVA, 2011). Além disso, essa disfunção reduz a sensação de pressão no momento da relação sexual. Acabam, com isso, praticando menos sexo e quando o fazem geralmente é ruim. Desse modo descuidam mais ainda de seus corpos e subestimam-se para o prazer<sup>6</sup>.



**Figura 2** *Coluna Rota*. Foto de Isadora Aquino  
**Fonte:** Junqueira e Eggert (2013).

---

6 - Curiosamente, encontramos um livro de Carolina Rodrigues da Silva (2011), fisioterapeuta, que apresenta de modo preciso os inúmeros desconfortos que as mulheres vivem geralmente em silêncio, mas que alguns exercícios, até bem simples, poderiam aliviar o afastamento que muitas vivem do seu próprio corpo.

Ainda não tivemos coragem de conversar com Ivone sobre as dores, mas temos muita curiosidade. Ela possui marcas no seu corpo que contam, sem palavras, uma trajetória de muita coragem. E é nesse sentido que nos fazemos aprendizes toda vez que ela nos convida para um café em sua casa.

## AS DUAS FRIDAS E A SORORIDADE

A palavra sororidade foi resgatada por algumas feministas e dá o sentido da cumplicidade entre as *irmãs*, o companheirismo e a solidariedade vivida entre as mulheres.



**Figura 3** *As duas Fridas*. Foto de Isadora Aquino

**Fonte:** Junqueira e Eggert (2013).

Certo dia, quando chegamos ao ateliê da filha de Ivone Junqueira, soubemos que Ivone havia viajado para o Nordeste do Brasil com uma amiga e pensamos: que bom! Ela tem conseguido desfrutar de sua aposentadoria; afinal, com 70 anos e uma vontade muito grande de conhecer lugares, nada como ter uma companhia para poder viajar. Para Frida Kahlo, as duas Fridas podiam ser ela e a amiga imaginária. Nesse caso não era uma amiga imaginária, era uma amiga de carne e osso! As amigas são muito bem-vindas.

Imaginamos as duas Fridas bordadas roubando a cena para pensar a sororidade, ou o que as teólogas feministas buscaram resgatar ao rememorarem o amor e a cumplicidade entre as mulheres. Indo contra a construção cultural de que não existe solidariedade feminina, as teólogas



suspeitam que é justamente o contrário: Eva e Lillith, Maria e Madalena, Rute e Noemi, entre muitas outras, fizeram parcerias no exato momento em que contaram suas histórias.

## ARREMATES: QUANDO O BORDADO É PARA FRIDA

Imaginar que podemos oferecer algo para Frida (e todas somos Frida!) como num ritual celebrativo é instigar pensar outras interpretações. Recontar como foi que nos encontramos com a bordadeira que andava em busca de motivos para bordar foi um modo de fazer com que processássemos intercruzamentos que incitaram outros olhares. Para chegar aos bordados, foi preciso uma bolsa e uma conversa, depois um livro... Foram necessárias sensibilidade e algumas rupturas no sentido de acolher algo que não estava previsto na pesquisa original em andamento, mas que mudou nossa maneira de olhar para os processos de criação que se fazem possíveis quando estamos dispostos a enxergar.



Figura 4 Bordado de Ivone Junqueira

Fonte: Junqueira e Eggert (2013).

## An offering: Brazilian embroidery for Frida Kahlo

**Abstract** – The article tells a story of an embroiderer that meets Frida Kahlo embroidered on a bag and reread in a book about Latin-American theology. The narrative is conducted by the researcher that presents the process of meetings: embroiderer rereads some paintings of the painter through embroidery techniques and simultaneously analyses the experience of rereading that take place in these meetings: embroiderer, painter and researcher.

**Keywords:** Embroidery. Frida Kahlo. Rereadings. Complicities. Feminism.



## REFERÊNCIAS

- BARTRA, E. *Frida Kahlo. Mujer, ideología y arte*. 3. ed. Barcelona: Icaria Editorial, 2003.
- CASTRO, M. de M. O ex-voto em Minas Gerais e suas origens. *Cultura*, Brasília, v. 8, n. 31, p. 106-112, jan./mar. 1979.
- EGGERT, E. *Educação popular e teologia das margens*. São Leopoldo: Sinodal, 2003.
- EGGERT, E. (Org.). *[Re]leituras de Frida Kahlo: por uma ética estética da diversidade machucada*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2008.
- GASPAR, L. Ex-votos. *Pesquisa Escolar Online*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar>>. Acesso em: 13 maio 2016.
- GEBARA, I. *Mobilidade da senzala feminina: mulheres nordestinas, vida melhor e feminismo*. São Paulo: Paulinas, 2000.
- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Micropolíticas: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- JUNQUEIRA, I.; EGGERT, E. *(Re)leituras bordadas de Frida Kahlo*. São Leopoldo: Casa Leiria, 2013. CDROOM.
- ORLANDO, J. A. O mito Frida Kahlo. 2011. Disponível em: <<http://semioticas1.blogspot.com.br/search/label/O%20mito%20Frida%20Kahlo>>. Acesso em: 13 maio 2016.
- SENNETT, R. *O artífice*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- SILVA, C. R. da. *Cinesioterapia do assoalho pélvico feminino: abordagem fisioterapêutica na incontinência urinária e nas disfunções sexuais femininas*. São Paulo: Phorte Editora, 2011.
- SILVA, M. A. M. da. Ex-votos e orantes no Brasil: leitura museológica. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 1981.
- TIBURI, M. Epílogo. In: EGGERT, E. (Org.). *[Re]leituras de Frida Kahlo: por uma ética estética da diversidade machucada*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2008. p. 180-181.
- WESTHELLE, V. Santa Frida com aura e aroma. In: EGGERT, E. (Org.). *[Re]leituras de Frida Kahlo: por uma ética estética da diversidade machucada*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2008. p. 157-164.

Recebido em dezembro de 2015.  
Aprovado em fevereiro de 2016.